



UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
Escola Superior de Agricultura “Luiz de Queiroz”
Departamento de Ciências Humanas
LES0135 - Ecologias do Artificial e do Simbólico
Prof. Dr. Antônio Ribeiro de Almeida Junior



**Revisão sobre capítulo “Capitalismo”, do livro El hombre
postorgánico, de Paula Sibilia**

Integrantes: Analena Sousa da Silva N° USP 9851382
Caroline Fontolan N° USP 9816701

Piracicaba-SP
2020

1. INTRODUÇÃO

O capítulo foco da análise desse estudo chama-se “Capitalismo”, com dois tópicos chamados “Mutaciones: La crisis del capitalismo industrial” e “Del productor-disciplinado al consumidor-controlado”, inseridos dentro do livro “El hombre postórgánico”, de Paula Sibilia (2005). O mesmo discorre sobre as modificações observadas em relação ao ser e sua individualidade, nos processos de transformações das sociedades, principalmente por conta das mudanças das formas de trabalhos e do papel dos indivíduos dentro da mesma. Além disso, enaltece as diferenças observadas na passagem do sujeito entendido como produtor-disciplinado para um sujeito tido como consumidor-controlado.

Baseando-se em conceitos trazidos por Michel Foucault, sobre a transformação da sociedade frente a industrialização e as relações de poder construídas e estabelecidas para a manutenção do sistema. Baseia-se também nos conceitos de Deleuze, considerando suas pontuações acerca da sociedade contemporânea, vista como uma sociedade do controle, pós industrial.

2. CAPITALISMO

Para Michel Foucault, existem mecanismos de poder e um saber industrial que objetifica, através do controle dos corpos dos indivíduos, diminuir e subjugar seu potencial político e aumentar seu potencial quanto à força de trabalho, considerando os termos econômicos de utilidade. Essas técnicas disciplinares tem por objetivo normalizar os sujeitos e transformá-los em sujeitos dóceis. No caso da sociedade industrial, o biopoder, com um olhar mais massivo diante da população e das cidades, tenta controlar sua força corporal e também seu tempo, para que o mesmo se comporte como uma máquina nos quesitos de produção.

A escravidão para controle das pessoas não foi mais necessária, pois foram instauradas outras formas de controle e dominação, por meio do surgimento de instituições que possuem mecanismos para isso, sendo elas as escolas, fábricas, hospitais e igrejas, entre outras, que sufocam a potência política e as tentativas de resistência, por meio da imposição de obrigações, limitações e proibições.

Michel Foucault, analisou que o ritmo cronometrado dos relógios é um mecanismo fundamental para o funcionamento da sociedade industrial. Ou seja, o relógio simboliza as transformações ocorridas na sociedade ocidental, no caso a transição industrial e a lógica

disciplinar, buscando cada vez mais e de forma mais precisa, guiar o tempo dos homens em rotinas metódicas e em intervalos regulares, padronizando que o trabalhador tenha um tempo para trabalhar, para dormir e para comer, destinando parte de sua vida reservada ao trabalho, dessa forma facilitando o controle.

Na metade do século XIV popularizou-se a divisão de horas e minutos em 60 partes iguais, criando desta forma um ponto de referência abstrato para todos os eventos. Assim surgiram as dignidades da pontualidade e insensatez como “perda de tempo”. Também a padronização do tempo em fusos horários, marcando o Greenwich como ponto estratégico para organização do tempo, permitiu a sincronização mundial das tarefas humanas ao capitalismo industrial.

Além disso, modelos de regulamentação interna, ou seja, que não dependem de terceiros para serem realizados, foram enaltecidos, como afirma Paula Sibilia, através da internalização da vigilância através da culpa, ou seja, da análise constante de si próprio.

Nas últimas décadas, porém, foi desencadeado um processo de transição para um novo capitalismo globalizado e pós-industrial. Tal processo valorizou a automação das indústrias, desvalorizou a força de trabalho, provocou mudanças geopolíticas e tem uma relação direta com a privatização dos espaços públicos. Simultaneamente, o capital financeiro se justapõe ao produtivo e ativa a circulação de seus fluxos em todo o planeta de forma a difundir uma tendência generalizada de abstração e virtualização dos valores.

Considerando que o capitalismo se atualiza constantemente, podemos observar uma mudança em relação ao papel do cidadão na sociedade e no sistema. Atualmente, o indivíduo tem suas particularidades valorizadas, de modo com que é possível aumentar os nichos de mercado ao considerar isso. Partindo de apenas um número, agora os indivíduos são entendidos como consumidores, ou seja, mercadorias, e um grande aspecto passou a ser considerado: seus dados, ou seja, sua condição socioeconômica, seus hábitos de consumo e suas preferências, entre outras coisas.

Desse modo, Sibilia afirma que os métodos de identificação das pessoas demonstram as mudanças do mundo analógico em direção ao mundo digital. Após a crise de 1973, iniciou-se uma transição para um sistema global de taxas de câmbio flutuantes, que se acentuou com o surgimento e disseminação de tecnologias baseadas em mídias digitais como cartões de crédito e débito, caixas eletrônicos, transferências e as informações gerais do sistema financeiro. Esse largo processo desencadeou a busca de uma moeda digital que possa ser um padrão global, inserindo o dinheiro no campo digital.

Não só o dinheiro está no processo de obsolescência do seu formato material e tornando-se virtualizado. Também parece estar alterando-se o conceito de propriedade. Sibilia menciona que há autores que consideram que está havendo a aspensão do conceito de propriedade privada, outra hora sólida e apegada aos bens materiais e fundamental ao sistema de produção capitalista. Surge com força uma noção mais volátil e flexível, que se contrapõe ao da propriedade de bens: o acesso.

Como há uma constante inovação e atualização dos produtos, tudo se torna quase instantaneamente desatualizado e com um ciclo de vida cada vez mais curto, dessa forma, a propriedade privada é um conceito muito lento para ajustar-se à velocidade das inovações. Assim, possuir os bens, no sentido tradicional, deixa de ter tanta importância quanto o ter acesso e utilização como serviço.

Surge dessa forma o conceito de locação, tirando a obsolescência constante dos produtos, transformando-os em serviços os quais podem ser acessados. Ao invés de comprar um produto novo, como os computadores e automóveis, é possível adquirir o direito de utilizá-lo mediante pagamento mensal. Em um momento que mescla as tendências virtualizadas com uma preocupação crescente pela segurança física, as senhas, cartões magnéticos, números e códigos passam a permitir acesso a diversos serviços oferecidos pelo capitalismo da propriedade volatizada.

As transformações se propagam rapidamente e fortalecem o capitalismo. Não só os serviços estão em alta, mas o marketing e o consumo também. Estes são explorados com novas e sofisticadas tecnologias. O consumo passou a reger praticamente todos os hábitos socioculturais e o capitalismo atualmente tem o domínio absoluto do mercado em todas as esferas da vida e em todo o planeta.

As companhias, por exemplo, para obter informações úteis às suas estratégias de marketing, condicionam a utilização gratuita de serviços em troca de dados dos indivíduos, para depois poder vender esses dados a terceiros. Concluindo, o consumir é o produto comprado e vendido.

A tecnologia atinge uma importância fundamental passando para a nova ordem de informação e do digital. A economia mundial recebe um impulso forte e fundamental dos computadores, os telefones móveis, as redes de comunicação, os satélites, e toda infinidade de dispositivos telemáticos, contribuindo na produção de corpos e subjetividades no século XXI.

Deleuze, em um breve artigo em 1990, sistematizou esse conjunto de transformações sociopolíticas e econômicas ocorridas, visualizando a formação de um novo tipo de sociedade

baseado na implantação gradual e dispersa de um novo regime de poder e saber. Deleuze retomou as ferramentas teóricas descritas por Foucault para estender sua análise de poder para a nossa sociedade computadorizada após detectar uma grave crise nas instituições de confinamento (escolas, fábricas, hospitais, prisões, etc.) e o surgimento de novos mecanismos de dominação.

Esses novos dispositivos, que não param de surgir, estariam infiltrando-se nos velhos aparatos de normalização e nas instituições disciplinares da sociedade moderna, para derrubar seus muros, desestabilizar sua ordem e inaugurar uma nova lógica de poder. No ensaio, Deleuze criou o conceito de sociedade do controle, para designar o novo tipo de formação social, que apenas estava começando a aparecer na época em que o artigo foi escrito.

Na sociedade contemporânea, marcado por mudanças rápidas e constantes, começam a imperar novas técnicas de poder cada vez menos evidentes, porém mais sutis e eficazes, pois permitem exercer um controle total em espaços abertos. As paredes sólidas dos edifícios, que faziam parte da estrutura, da “espinha dorsal” da sociedade industrial estão rachando: tanto os colégios, como as fábricas, os hospitais, as prisões e outras instituições estão em crise em todo o mundo. Porém surge um interessante paradoxo: junto com esses duros tijolos, também se dissolvem os limites que confinavam o alcance das antigas técnicas disciplinares. Nessa transição não há só ruínas, pelo contrário, muitos mecanismos estão ganhando sofisticação, alguns se intensificam e outros mudam radicalmente.

Antes, inserido dentro de um regime disciplinador, o indivíduo era entendido somente como mais um componente da massa, sendo registrado através de um número de identificação pelos governantes. À medida que a velha lógica mecânica, que é fechada, geométrica, progressiva e analógica está perdendo força na sociedade disciplinada, há o crescimento e dispersão acelerada das novas modalidades digitais, as quais são abertas, fluidas, contínuas e flexíveis. A lógica de funcionamento vinculada aos novos dispositivos de poder opera com velocidade, em curto prazo, é total e constante. Geralmente sua movimentação ignora todas as fronteiras, atravessa espaços e tempos, devora tudo que é de fora e consome qualquer alternativa que entre em seu caminho. Por isso, existe uma nova configuração social apresentada de forma totalitária, no sentido de que nada nunca parece estar fora do controle, surgindo assim um novo regime de saber e poder associado ao capitalismo de cunho pós-industrial.

Não há dúvidas de que o relógio continua liderando o cenário global, porém sofrendo as atualizações para os fluxos informáticos e digitais. A função do relógio internalizou-se, como pode ser visto na propagação de modelos de relógios em todos os lugares do planeta,

nas casas, ruas, edifícios, nos pulsos, nos artefatos de uso cotidiano. Continua na nossa sociedade o lema burguês “tempo é dinheiro”, responsável por arquitetar a lógica capitalista e protestante, difundida em todo o planeta no rosto do Benjamin Franklin no papel de cem dólares.

Porém a troca dos relógios analógicos para os digitais traz uma novidade: nos modelos atuais, os muros do tempo também estão desmoronando, visto que o tempo já não se compartimenta de forma geométrica mas passa a ser um fluxo contínuo e ondulatório. Novamente o relógio é uma bandeira e um sintoma, expressado em seu corpo de máquina a intensificação e sofisticação da lógica disciplinar na nossa sociedade do controle.

3. CONCLUSÃO

Como afirma Sibilia, os sujeitos cada vez mais estão se desapropriando de sua identidade relacionada ao Estado Nacional em que nasceram ou residem, para se apropriar e se definir cada vez mais em relação às conexões que estabelecem com as corporações do mercado global. Desse modo, é possível observar a transição do produtor-disciplinado, que é aquele que é o sujeito de manutenção das fábricas, para o consumidor-controlado, sujeito das empresas que auxiliam na manutenção da conformação sistemática vigente.

Em relação às modalidades de trabalho, é observado que as mesmas se transformaram. Antes, era valorizada uma jornada de trabalho fixa e imutável, agora, é enaltecida a flexibilidade das jornadas de trabalho, derrubando os espaços e tempo que definem essas modalidades. Discorrendo sobre essa questão, ocorre uma integração entre espaço de trabalho e espaço de ócio e o tempo de trabalho e tempo livre, ocasionando a derrubada dos limites exercidos pelos muros das fábricas anteriormente.

Em concordância com Deleuze, o homem que era confinado antes por essas paredes das instituições disciplinares, cedendo lugar hoje, para o homem endividado, que precisa permanecer preso ao trabalho para ganhar dinheiro, consumir e sanar suas dívidas, entrando numa condição exponencial de consumo. Ironicamente, a condição de não ter dívidas é subjugada como sinal de pobreza, pois reflete a não “credibilidade no mercado”.

4. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

SIBILIA, Paula. El hombre postorgánico: cuerpo, subjetividad y tecnologías digitales. Fondo de cultura económica, 2012.

POGREBINSCH, Thamy. Para além do poder disciplinar e biopoder. Lua Nova: São Paulo. nº 63, 2004.

COSTA, Rogério. Sociedade do controle. São Paulo em Perspectiva. vol.18 no.1 São Paulo Jan./Mar. 2004